

“BÍBLIA, BOI, BALA”: DE UMA AMAZÔNIA VAZIA E DELIRANTE

“BIBLE, OX, BULLET”: FROM THE EMPTY AND DELIRIOUS AMAZON

CARLOS EDUARDO
DA SILVA¹

Resumo: Mundos que são continuamente inventados e reinventados numa trama de representações e processos identitários que subtraem o “outro”. “Alguém pode chamar um nativo?”, o ator e músico O Novíssimo Edgar nos apresenta em sua performance essa “outra” história do passado que não se descola do presente. A princípio, com base no curta-metragem de Silvio Margarido (*Correria*, 2021), abordarei uma das justificativas para o genocídio dos “infiéis” e tenho como objetivo discutir como o imaginário se funde aos dogmas religiosos, provocando o delírio devoto de todos que fazem parte da engrenagem colonizante na Amazônia acreana. A seguir, apresento o delírio de purificação da floresta em pastos e os efeitos da lógica da floresta morta, adentrando no longa-metragem produzido por Gerson Albuquerque (*A vida sem vida, sem morte, sem nada*, 2018). Por fim, pretendo dialogar sobre a “terra morredoura”, onde nada vive ou frutifica. Entretanto, a memória de uma terra sem mortes pode fazer, criar e reconstruir, por meio das múltiplas formas de ser e estar no mundo, diversos modos de viver.

Palavras-chave: Acre; passado; presente.

Abstract: Worlds that are continually invented and reinvented in a web of representations and identity processes that subtract the “other”. “Can anyone call a native?”, the actor and musician O Novíssimo Edgar presents us in his performance this “other” story of the past that is inseparable from the present. Initially, based on the short film by Silvio Margarido (*Correria*, 2021), I will address one of the justifications for the genocide of the “infidels” and aim to discuss how the imaginary merges with religious dogmas, provoking the devout delirium of all who are part of the colonizing machinery in the Acrean Amazon. Next, I will present the delirium of purifying the forest into pastures and the effects of the dead forest logic, delving into the feature film produced by Gerson Albuquerque (*A vida sem vida, sem morte, sem nada*, 2018). Finally, I intend to discuss the “dying land”, where nothing lives or bears fruit. However, the memory of a land without deaths can make, create and rebuild different ways of living through the multiple ways of being and existing in the world.

Keywords: Acre; past; present.

COMO CITAR: SILVA, Carlos Eduardo da. “Bíblia, Boi, Bala”: de uma Amazônia vazia e delirante. *Boitatá*, Londrina, v. 20, n. 39, p. 1–11, jul./dez. 2025. ISSN 1980-4504. DOI: 10.5433/boitata.2025v20.e53078

¹ Doutorando em Letras: Linguagem e Identidade na Universidade Federal do Acre (Ufac). E-mail: eduardo.artesedu@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8973-0437>

UM PRELÚDIO...

“Alguém pode chamar um nativo? Pra avisar que são mais de quinhentos anos de abusos [...] para onde nós estamos indo, afinal? [...] por gentileza, um nativo, verdadeiros donos dessa terra”¹. O ator e músico, chamado de O Novíssimo Edgar, nos apresenta uma história “outra”. Há aproximadamente vinte e quatro anos atrás, sessenta índios corajosos iniciaram resistência, pela terra, pela vida de todos(as).

Contaram suas histórias, de terras conhecidas e desconhecidas, de como a vida foi, de como ela é. Trataram de falar de outros mundos, visões, povos, dos antepassados e histórias antigas. A possibilidade de caminhos outros, de narrativas outras, de histórias outras, que poderiam recriar percursos para além dos modelos asfixiantes de pensar as histórias, as narrativas, os modos de viver e estar no mundo.

“Contar outras histórias talvez sirva para isso” (Shiel, 2004, p. 349), para desaparecer, de uma vez por todas, os telhados de vidro e os vitrais que guardam as tradições, intactos, devotos, fragmentados, fracionados e subdivididos. Que deixam ilesa uma aparente estabilidade ou imutabilidade de conceitos e verdades que demarcam o particular para determinar uma única forma de ver o mundo, de contar sua história, de fracionar suas terras.

Este estudo possui alguns elementos que cabem destacar. É parte do processo formativo de doutoramento em Letras, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, da Universidade Federal do Acre. Especificamente, surge de um processo de longas e importantes discussões, diálogos, debates e trocas de ideias na disciplina *Tópicos Especiais IV: narrativas e representações sobre a natureza e as dimensões culturais nas amazônias*, no sentido de refletirmos sobre as representações, múltiplas visões, significados e imaginários sobre os mundos amazônicos. Mundos que são continuamente inventados e reinventados numa trama de representações e processos identitários que subtraem as subjetividades, os sujeitos, o “outro”.

Como primeiro tópico, abordarei uma das justificativas para o genocídio dos infieis. Tem como objetivo discutir como o imaginário se funde aos dogmas religiosos, provocando o delírio devoto de todos que fazem parte da engrenagem colonizante na Amazônia. A seguir, o próximo ponto vai apresentar o delírio de purificação da floresta em pastos e os efeitos da lógica da floresta morta. Por fim, pretendo dialogar sobre a terra morredoura, onde nada vive ou frutifica, mas que as memórias da terra sem mortes fazem, criam e reconstroem as formas de ser e estar no mundo.

Em primeiro lugar, vamos analisar como se dá o processo de purificação das florestas, das subjetividades e do outro que vive nas trevas, na mata infernal e como a religiosidade se torna um mecanismo, um braço colonizador. Segundo, vamos investigar para quem é e para que se dá esse processo colonizante nas florestas e no outro, tratando as subjetividades para fins que se dão pela purificação do lugar, das gentes, do outro que “não é”. Por fim, destacaremos como se dá essa “purificação” das florestas e do “outro” que não tem permissão de ser, por isso precisa ser sacrificado pelo bem da nação, pelo progresso da purificação das florestas em campos e das subjetividades em seres decadentes, amarrados e extintos.

¹ Excerto da performance do artista O Novíssimo Edgar, no Acampamento Terra Livre, em 2019 (O Novíssimo [...], 2019). Ele abriu com essa poesia-manifesto a estreia do filme-manifesto *Gigante pela própria natureza*, idealizado por Carol Gavazzi e Watatakalu Yawalapiti, que tem por trilha sonora original do próprio Novíssimo Edgar em parceria com Juçara Marçal, Mazé Cintra e Pupillo. O filme faz uma denúncia contra a situação dos povos indígenas, gravado durante o primeiro encontro do Movimento de Mulheres do Xingu (no Parque Indígena do Xingu, no Mato Grosso).

DA BÍBLIA

Um beijo na cruz. Uma benção ao caçador. Animal selvagem, sub-humano, vazio da santa doutrina e de sua santidade. Universo caótico do imaginário, desconhecido. Mata adentro. Sangue na faca. Quem manda é quem provê o caminho do caçador. Quem provê a caça. Quem abre os caminhos. Quem sopra com alento as andanças do caçador por sua caça. Desespero. Correria.

O curta-metragem do diretor Silvio Margarido² nos apresenta o beijo na cruz do caçador de gente. Ele pede “bença” do seu deus para a empreitada de extermínio. Sem saber que seria explorado e, talvez, exterminado também. Assim, a gênese da história acreana. Histórias não contadas.

A floresta acreana tem rastros de sangue. O facão, a espingarda e o revólver também são peças importantíssimas para compor um arsenal benzido por vossa santidade. Era importante tomar a terra, era imperativo limpar a área, era necessário salvar os perdidos, os pagãos. Os desalmados precisam ser benzidos e amansados. Se resistirem, não terá outro jeito, serão purificados com fogo e sangue.

Silvio Margarido destaca essa relação de devoção e selvageria, num enquadramento repetitivo e fixado na cruz, na crença de uma boa caçada, do ser bem-sucedido no trabalho de exterminar o “outro” sem alma. No meio da floresta, seus passos são guiados pela luz e pelos rastros dos índios, selvagens, que correm e morrem como indigentes.

O sangue no uniforme, característico dos soldados da seringa, mostra que o trabalho está sendo bem-sucedido. A sorte está com aqueles que buscam o ouro branco. Pela cruz, tudo precisa ser limpo. Pela cruz, tudo precisa ser purificado. Melhor dizendo, pelo sentido atribuído à cruz, a terra precisa ser modernizada. O “índio” ou a “índia” precisam ser adestrados. “Para o bem da nação”, como diria Gonzaguinha.

Este lugar é caótico, como argumenta Ana Pizarro (Pizarro, 2012), e o caos vem exatamente pelo distúrbio delirante do imaginário colonizante, apreende no desconhecido e no “outro” uma instabilidade, uma imprevisibilidade, ou seja, é uma zona fantasma que precisa ser exorcizada pelo “ser” modernizador. Com isso, o ato de expulsar os demônios da mata cabe aos agentes dessa exploração.

A epígrafe usada pela historiadora Laura de Mello e Souza destaca esse imaginário, esse espaço do caos profundo. “Debaixo da linha equatorial tudo é possível” (Pizarro, 2012, p. 84), e tudo pode ser feito para domar o que está debaixo. Um delírio eclesiástico medieval que tornou as subjetividades poeira e cinzas. E os significados e sentidos são orientados nessa direção de espaços fragmentados, desorientados, desordeiros, malignos, obscuros.

Narrativa que, conforme a autora, chancela o pensamento quimérico que prova a existência do mal, do inimigo, das trevas, que precisam a todo custo ser evitados. O seringueiro agarrado à cruz denota esse delírio devoto e consciente — há quem diga que existam delírios conscientes. Será? O caçador se prende à cruz até na hora da morte.

Por falar no seringueiro! Personagem quimérico, apresentado pelo curta-metragem citado acima, como um caçador, homem religioso, de características como de um sertanejo, deserdado, desgarrado e heroico, pois a ele foi dado o fardo e o poder de ser a mão do rei, divina, que vai romper as teias diabólicas, pela força e pela palavra, com seus símbolos de poder: a bíblia e a bala.

² *Correria*, do diretor acreano Silvio Margarido, que teve sua estreia em 2021 com recursos da lei de incentivo à cultura Aldir Blanc. (Correria, 2021).

Pertinente destacar a obra *Acre, formas de olhar e de narrar*, do historiador e professor Francisco Bento, que nos apresenta umas das vozes que narrou o contexto dos seringais, e dou destaque aqui à obra *Deserdados*, de Carlos Carneiro Leão de Vasconcellos. E vale salientar, como certamente comenta o professor, que a perspectiva em *Deserdados* também não se afasta do “ímpeto carregado de pré-noções, pré-conceitos” (Silva, 2020, p. 44), ou seja, carrega um conjunto de imaginários contraditórios sobre a Amazônia.

Cabe também revisitar a lógica discursiva dos seringais descrita por Ana Pizarro, comentada pelo professor Francisco Bento, que trouxe a estrutura das narrativas no seringal: a dos seringalistas/barões que detinham o poder do território e dos serviços dentro do seringal; a dos aventureiros que deliravam pela adrenalina que uma boa história desafiadora, num lugar desafiador, poderia proporcionar ou impulsionar fama; a dos seringueiros, que “construíram” o Acre pela bíblia e pela violência heroificada; e a dos “outros”, indígenas, condenados e violentados(as).

Ousei desmembrar o último ponto como forma de dialogar sobre o papel dos seringueiros nessa trama, que, de certa forma, foram homens explorados ao máximo para se metamorfosearem em magarefes. Evidentemente, os estudos e obras que cito aqui nos trazem a imagem de um sertanejo sonhador, que acredita na possibilidade de cultivar sua terra, atraídos pelos “tezoiros decantados pelos ‘Paroaras’, o leite suculento da borracha, que vale ‘oiro’ e dá felicidade e fortuna...” (*apud* Silva, 2020, p. 41).

No entanto, os ditos desgarrados participam ativamente do processo de dominação colonial e na afirmação de uma herança pela hegemonia alcançada ou conquistada por eles, como destacado na obra *Seringalidade*, de João Veras. Baseados no imaginário, nas narrativas sobre como era a vida e o contexto no seringal.

Uma delas, a que destaco aqui, é a de que os heróis desbravadores se submeteram a doenças diversas, à insalubridade, em uma terra sem lei – vamos lembrar que: “Debaixo da linha equatorial tudo é possível”. Que de fato é desgarrado de sua terra natal para se infiltrar, ou melhor dizendo, ser aprisionado numa floresta diabólica.

Indivíduos que não sabem ler ou escrever, incultos, mas não desalmados. Põem-se a serviço do patrão seringalista que os entopem em dívidas, e com isso, são sujeitos que não têm capacidades de se livrarem do “paraíso diabólico”, estão fadados a vagar pela “floresta maldita”, de seres malditos e “não seres”. O que lhes resta é o trabalho, é conquistar pela palavra e pela bala.

“Naquele antro de feras que é o Acre dos seringais” (Silva, 2020, p. 42), alguns se destacam como entendedores da situação e descobrem que é possível amansar as “feras”, numa postura como de Cândido Neves, do conto *Pai contra mãe*, de Machado de Assis, que para ver o bem de seu próprio filho assume o ofício de pegador de escravos fujões, e que dada hora, na captura violenta de uma negrinha fujona e grávida, ao ver a criança abortada no meio da rua, dada a brutalidade do apanhador, diz consigo: “Nem todas as crianças vingam” (Assis, 2008, p. 130).

Talvez, outros como Damião, do conto *O caso da vara*, que fugiu do seminário e buscou refúgio na casa de sinhá Rita, que abrigou, ofereceu-lhe comida e assessoria com seu problema: o desgosto em ser um bom padre. Viveu ali, com as crias da casa, se apegou a uma negrinha que sempre parava para ouvir suas anedotas e por isso seu trabalho sempre atrasava. E aconteceu, o trabalho atrasou e sinhá Rita, enfurecida, queria descer a vara na

negrinha. Pediu a vara a Damião, que pensou em hesitar, mas “precisava tanto sair do seminário! Chegou à marquise, pegou a vara e entregou-a a sinhá Rita” (Assis, 2008, p. 130).

Desajeitados sem escolhas e heróis domadores de feras, que já carregavam tabus, superstições e uma religiosidade delirante. E que, por isso, tinham o dever de amansar e civilizar os que tinham a alma maligna, os que viviam na floresta maldita. Deviam trabalhar também para desfazer e restaurar esse “mundo endemoninhado, inclinado à insensatez, já que formas de pensamento não respondem à lógica binária conhecida; pelo contrário, há uma permanente transgressão” (Pizarro, 2012, p. 91).

Ana Pizarro comenta sobre essa dada religiosidade delirante por meio, também, da obra *O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*, de Laura Mello e Sousa. O estudo destaca, dentre as práticas de adivinhação comuns e frequentes ainda no século XIX, que a palavra de Deus, por assim dizer, a Bíblia, costumeiramente sempre foi colocada como um oráculo supremo em que as pessoas consultavam “diretamente a Deus, pois, segundo os ensinamentos do clero, no Evangelho estavam contidas suas palavras e sua vontade” (Souza, 1989, p. 161). Assim, seja em termos de adivinhações, de julgamentos ou de execuções, a Bíblia era usada para justificar o ato, seja ele qual for.

O livro comumente usado era a Bíblia; escreviam-se os nomes dos possíveis culpados em tiras de papel, que eram colocadas no buraco existente numa das extremidades da chave. Quando se introduzia o papel com o nome do verdadeiro culpado, o livro oscilava e fugia das mãos de quem o segurava (Souza, 1989, p. 67).

Além disso, a demonização do infiel e a territorialidade infernal destacada nessa Amazônia narrada fez nascer esse lugar imaginado, o *Inferno verde* de Alberto Rangel, *A Selva* de Ferreira de Castro, ou o “paraíso diabólico”, “a selva purgatório”, a “floresta maldita”, o “antro de feras” como destaca o professor Francisco Bento (Silva, 2020, p. 42). Feras sem salvação e que deveriam ser extintas, em todos os âmbitos. Uma humanidade controversa, estranha, e mais, “humanidade esquisita, anti-humana, meio monstruosa, diferente, pecadora. Seriam homens mesmo? Poderiam ser convertidos, receber a palavra divina?” (Souza, 1989, p. 62).

A santa doutrina considerou como última instância a demonização da terra e dos que viviam nela, e por isso seria inviável qualquer tipo de cooperação cultural, social, econômica, sustentável, amigável, afetuosa, complacente, conciliadora, pacífica, cordial. A ordem era “santa”:

Dizia frei Vicente que o demônio perdera o controle sobre a Europa — cristianizada durante toda a Alta Idade Média — e se instalara, vitorioso, na outra banda da terra — a América e, no texto da epígrafe, mais especificamente o Brasil. A infernalidade do demo chegará até a colorir o nome da colônia: Brasil, para nosso religioso, lembra as chamas infernais. Vermelhas. E, aqui, ele foi vitorioso, pelo menos na primeira etapa da luta: esqueceu-se o nome de Santa Cruz, e a designação apadrinhada por Satanás acabou levando a melhor. Cristianizando, os portugueses procuravam diminuir as hordas de seguidores do diabo: afinal, o inferno era aqui (Souza, 1989, p. 67).

“Agrupe o seu gado usando um livro sagrado”³, esse é um dito de mais de quinhentos anos de história. Para o progresso, para a modernidade, um bom instrumento de agrupamento, de fazer aglomerações de santos em templos que se transformam num refúgio no meio do paraíso diabólico. Para a sustentabilidade dos santos fiéis, para o boi.

3 Trecho da fala de O Novíssimo Edgar, destacado anteriormente.

PARA O BOI

O delírio da purificação da floresta em pastos se deu no contexto de sustentabilidade e demonização, da terra e das feras, respectivamente. Sustentar a humanidade é a justificativa para o violento arranco na corrente e no fogo. Purificar a terra é a justificativa para extermínio dos “não-humanos”, das “não-humanas”. Para a modernidade. Contra o atraso.

“Por que você veio para o Acre?”, esse é um dos diversos questionamentos que uma pessoa, vinda de fora do estado, recebe ao chegar. Tipo de questão que se apresenta na curiosidade de gente jovem a gente adulta. Afinal, o que tem no Acre? Boi. Borracha. Castanha. Índio. Índia. Parece que a modernidade é aguardada por aqui. Ou as diferentes formas do “ser moderno”.

O professor Marcello Messina, escreve sobre o *Atraso* e seus significados nesse contexto amazônico, descrito sob um “canto” ou “no canto” de colonizações e processos colonizantes de negação do “não ser”, do “não humano”. Sobretudo, de negação da floresta, pois ela é demoníaca, suja, perigosa, vazia. Sistema de negação que domina o que se representa nesse canto de cá.

O canto, ao qual me refiro juntamente com os dizeres do professor, é a Amazônia Acreana, que carrega todas essas representações: vazio de tudo, até da própria Amazônia. Essas representações, segundo ele, delimitam o discurso e, com isso, são usados como “instrumentos intercambiáveis de dominação”, e seus significantes permanecem definidos nesse âmbito de “lugar de atraso, no qual a dinâmica do progresso ainda não chegou” (Messina, 2016, p. 97).

Em *A ideia de civilização nas imagens da Amazônia*, Maurício Zouein retrata essa transformação das cidades e dos campos na Amazônia (Zouein, 2022). Discute por imagens que essa alteração ou transfiguração urbanizante surge como uma novidade: o renovo; seria o avivamento? Essa ideia de civilização é impregnada pela tecnologia dos planos de urbanização, assassinato dos rios, desapropriação de comunidades indígenas, e todo o processo de exploração da borracha, para que, posteriormente, os caminhos da transformação nos campos “elísios” fossem aderidos.

Desenvolvimento econômico é a justificativa para o projeto de criação de pastos. Segundo Messina (2016, p. 97), esse “conceito de atraso” é o preâmbulo na transfiguração da floresta em pasto e dos selvagens em gado. Afinal, a modernidade não suporta os “de baixo”, a não ser na posição de estimação. “Alguém pode chamar um nativo? Porque pra mim vocês são um caso perdido”⁴.

A industrialização agropecuária e a modernização da Amazônia, de um modo geral, vêm com mais força na década de 1960, e segundo Ana Pizarro, a “proposta geopolítica” (Pizarro, 2012, p. 166) já havia iniciado com as estradas, mais tarde com os polos de industrialização nos campos que se arrastaram, nas décadas de 1960, 1970 e 1980, com todos os conflitos de contraposição apresentados pelo professor Messina: “uma baseada sobre uma utilização lenta dos recursos, e a outra vinculada à exploração imediata e a modificação rápida dos espaços” (Messina, 2016, p. 102).

O discurso desenvolvimentista que se deu em seguida, segundo o estudo de Márcio de Carvalho, nos apresentou um plano de “desenvolvimento sustentável alicerçado pelos neologismos da Florestania e da Acreanidade” (Carvalho, 2020, p. 83). Na perspectiva do governo atual, o discurso é por um Acre novo: “Agora o estado é parceiro do produtor. Acabou a era da ‘florestania’”, palavras do primeiro secretário da pasta de agronegócio do estado do Acre (Agora [...], 2019).

Nesse ínterim, de crises desenvolvimentistas e a perturbadora industrialização agropecuária no estado do Acre, a floresta, antes considerada um lugar vazio por esse

⁴ Trecho da fala de O Novíssimo Edgar, destacado acima.

discurso desenvolvimentista, se torna cada vez mais vazia de fato. Restando apenas grama, gado e os “esqueletos magníficos” (Villarinho, 2020, p. 52) que performam no vazio.

Definindo, as castanheiras — protegidas por lei, mas desprotegidas do fogo e dos agrotóxicos — amargam a solidão junto ao gado triste. Parecem esculturas de morte, no meio do campo limpo. Em constante perturbação, performam junto com os geoglifos, “marcas na terra”, que “ao atravessarem gerações, fundem-se com os vários ritmos temporais e se sobrepõem às camadas da paisagem atual” (Villarinho, 2020, p. 53).

O filme *A vida sem vida, sem morte, sem nada*⁵, produzido pelo Laboratório de Digitalização, Produção e Recuperação de Fontes Documentais Orais e Escritas (CEPRODOC) e exibido em 2018, nos apresenta outra forma de ver a floresta amazônica. Amazônia, agora, sem floresta, sem vida e sem nada, como retrata o tema, a transfiguração que se destaca nas imagens é de uma apatia sem perspectiva de mudança. As imagens performam a visão de alguns viajantes que percorreram o trecho entre Rio Branco e Assis Brasil, no estado do Acre.

A visão da floresta amazônica, ao que parece, é nula, a performance é de quilômetros e mais quilômetros de terra “limpa”. Campos e mais campos de gados, famintos, sempre comendo, olhando para o nada — de fato. “Campos vazios de gente viva”⁶, de gente que foi morta também. Parecem que foram deixadas para eles. Ficam de guarda para que não pulem a cerca ou refletem preocupações predatórias, como espantalhos.

Castanheiras de pé, presentes. Não estão vivas, também não estão mortas. Também não sei se resistem, se é que são símbolos de resistência. Na verdade, parecem mausoléus de um cemitério absurdamente grande. O roteiro me passa essa impressão, com enquadramentos fotográficos realizados a partir de imagens que podem ser representação do que já foi, mas não é.

A trilha sonora toma uma proporção angustiante, a partir da peça *Comu arvulu scippatu* (Como uma árvore quebrada), de Marcello Messina. Um solo de violino que se destaca em linhas contrapontísticas, conduções de vozes e técnicas estendidas para criar um cenário perturbador e obtuso, se alinha às mudanças de imagens, sem transições, sem tempo de pensar, como pedradas inconstantes. A célula rítmica e melódica fica na memória, espero sempre sua repetição, mas ela muda, se transfigura, se oblitera, se esquece e volta: como meu olhar ao passar pelo mesmo caminho.

As vozes que gritam o texto apresentam o manifesto ao que foi fatal, anunciam o horror e a fraqueza da terra. Dito por muitas vozes, variadas línguas, porém em nenhuma das línguas dos corpos enterrados nesse “campo-santo”. Suas vozes não existem ali, apenas gado agora. É tudo para eles. Eles, sim, podem existir ali, eles não resistem à vontade de seus donos.

O boi ganhou um totem. Imensas castanheiras em agonia são totens de um “mundo desencantado pela modernidade” (*A vida [...]*, 2018)⁷, condenadas pelo agro, para o boi, apenas por ele e seus donos. Isoladas, ganham plateias que se renovam a cada temporada de abate e de nascimento de novos ouvintes e transeuntes em transe pelo delírio da purificação.

5 Filme realizado pelo Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade, roteirizado pelo professor Gerson Albuquerque, com trilha sonora realizada por Marcello Messina e João Veras; e vozes de Juliana Albuquerque, Teresa Di Somma, Carlos David Larraondo Chauca e Jesús José Díez Canseco Carranza. O filme, as imagens e o texto representam denúncia contundente à “barbárie do agronegócio que devassa a vida”. Estrelado em 2018 no canal do Laboratório de Digitalização, Produção e Recuperação de Fontes Documentais Orais e Escritas (CEPRODOC) da Universidade Federal do Acre. (*A vida [...]*, 2018).

6 Trecho do texto do filme *A vida sem vida, sem morte, sem nada* (*A vida [...]*, 2018).

7 Trecho do texto do filme *A vida sem vida, sem morte, sem nada*, destacado anteriormente.

NA BALA

“Alguém pode chamar o nativo? Que não seja amarrado!” (O Novíssimo [...], 2019)⁸. Primeiro dia de aula numa escola estadual de Ensino Médio em Rio Branco, no Acre. Primeiras turmas pós-isolamento e aulas em modo remoto. Turma de primeira série do Ensino Médio. Lotada. Entro no primeiro horário para a aula de artes, às sete da manhã. Não conheço a turma, heterogênea e tumultuada, como é de praxe em turmas superlotadas.

Hora da chamada, logo início pelo primeiro nome: — Abner Kaxinawá! Uma resposta tímida vem em seguida, de um rapaz na primeira carteira perto da mesa, de feições indígenas e com uma camisa que apresentava um desenho da cruz e alguns dizeres religiosos, e respondeu: — Presente, professor... Então, percebo algumas manifestações de alguns rapazes da turma dizendo: — Ih, Kaxinawá! “Caboco”, é? Intervenho perguntando se haveria algum problema e apontando a falta de respeito com o nome do colega, logo acabam com os murmurinhos.

Ao final da aula, o garoto vai até minha mesa, pede para ver a chamada, aponta para o seu sobrenome e exige: — Professor, não fale mais esse nome quando for me chamar, por favor. Questiono o porquê dessa decisão e ele retruca dizendo: — Eu não quero, por favor! Em outra ocasião, esse mesmo rapaz zombava de outros colegas se utilizando do mesmo termo.

De todas as formas, a lógica da racialização colonizante te dá um tiro. O “índio” ou a “índia” continuam amarrados. O professor Francisco Bento destaca, sobre essa lógica racial, que os corpos indígenas são forçados, por esse mecanismo colonizante, a vislumbrar outros patamares. E esse patamar se sustenta num “pedestal racial”. Ao citar a obra *Pele negra, máscara branca*, de Frantz Fanon, comenta que, ironicamente, “indígenas e os caboclos também são construídos como indígenas e caboclos” (Silva, 2020, p. 91).

Os decadentes e condenados do vazio são, dentro desse contexto, sujeitos corrompidos, pois não há — e agora destaco aqui uma das discussões levantadas em sala de aula — a possibilidade de outra forma ou “outro sujeito”, só existe expectativa: do sujeito exótico, essencializado, racializado, condenado, construído, o sujeito ou sujeita que “não é”.

No texto *Indígenas e Caboclos no caminho da conquista e da colonização*, de autoria do professor Francisco Bento, tecendo as ausências no contexto colonizante dos decadentes, argumenta sobre o atraso referente à estruturação urbana, no seu paisagismo, e no próprio território que não se enquadrava nos padrões urbanísticos da Europa. Nesse lugar imundo, havia também ausência de humanidade, e segundo o autor, existia uma sedimentação terrível em “crenças de que aquelas populações não tinham língua, nem religião, também não conheciam leis” (Silva, 2020, p. 86).

Incapazes de viver em civilização pela sua inferioridade racial, deveriam ser extintos todos aqueles que resistissem. Marcio de Carvalho destaca que, no âmbito do Acre, “a ocupação não indígena só se deu a partir do último quartel do século XIX, quando ali já existiam mais de 50 (cinquenta) etnias indígenas” (Carvalho, 2020, p. 391). Hoje são aproximadamente treze etnias comendo, popularmente falando, o pão que o diabo amassou. As cidades, os seringais, os perímetros urbanos, as vilas, as periferias, os campos, os pastos, as plantações “foram erigidos sobre os índios vivos nesse genocídio” (Carvalho, 2020, p. 391).

Gostaria de destacar aqui o estudo *Tronco velho: histórias Apurinã*, de Juliana Schiel, que nos apresenta belíssimas histórias, outras formas de ver, sentir e estar no mundo. “Nós mesmos — Apurinã — viajemos aqui. No meio do mundo. Nós fomos embora mais os *Otsamaneru*”⁹ (Shiel, 2004, p. 241). Lugar no meio do mundo, presente nessa narrativa, nos apresenta um lugar “outro”, entreposto, região escolhida por sua fartura e calmaria. Juliana,

⁸ Trecho da performance de O Novíssimo Edgar, apresentado anteriormente.

⁹ Adelino F. Apurinã (Itariri), *Otsamaneru*.

e as vozes presentes por meio de histórias contadas, destacam a viagem dos Apurinã para um lugar no meio do mundo.

Esse “não lugar” representa um espaço de correlações, em que blocos de identidades fixas e imutáveis não são possíveis, pois esse “não lugar” não petrifica as identidades, mas cria ramificações, rizomas, conexões com a natureza, com os seres visíveis e invisíveis. O sistema que provoca a tendência binária é esfacelado pela fluidez dessas correlações.

Para além do meio do mundo, do mundo “morredor”, da terra imperfeita, da concentração de doenças, de inimigos, lugares perigosos de viver e sobreviver, múltiplas intempéries, a possibilidade e a busca de uma Terra Livre, ou da Terra sem Mal, permanece viva. A busca da “terra onde não se morre”¹⁰ (Shiel, 2004, p. 260), que é a terra das múltiplas possibilidades de se viver, cantar, construir novas experiências de viver e estar vivo(a).

Apresentam-nos a “terra morredoura”¹¹ (Shiel, 2004, p. 238), onde os mortos são levados por doenças e matanças na parte de cima, e levados pelas guerras, desavenças e frivolidades na faixa morredoura de baixo, como destacam nas narrativas. Mas a Terra Livre, depois do mar, é a Terra onde nada acaba ou morre, vivem sempre jovens, nada estraga ou perece. Passado, presente e futuro se tornam fluidos, descontínuos, em correlações infinitas.

Porém, a terra morredoura, terra das imperfeições, da maldade, das correrias, do cativeiro, da dominação, das doenças, da Bíblia, do gado, da bala, dos enfeitados, permanece ressignificada nos braços cheios de pulseirinhas de artesanato indígena, na vontade de se entupir com as medicinas naturais e sagradas, nas cirandas intermináveis, de um ritmo só, de uma batida só, simplório, para o povo da cidade dançar. “Só é bonito quando não está perto de você” (O Novíssimo [...], 2019), quando não está na sua casa, no seu terreno, com seus bois, no seu campo, nas ruas da cidade, nos canteiros de avenidas.

No entanto, os Apurinã guardam a possibilidade da Terra Livre. Ainda dizem: — *Apanukakutuxo* — que revela a realidade histórica de sobrevivência desse povo na terra do meio, que representa literalmente “nós continuamos na terra” (Link, 2021, p. 256). Mesmo com tantas dificuldades, traumas, e profundas inquietações sobre a vida, a sobrevivência no fim do mundo, na terra da mortandade, eles destacam a resistência, a persistência. “Noites cantando e dançando, a noite toda, noite de lua. Eles doentes, cantavam” (Shiel, 2004, p. 151), os problemas e impasses não retiram ou diminuem o desejo pela Terra. A Terra que não se dissolve mecanicamente em identidades forjadas na mortandade.

Nesse sentido, o “outro” toma forma nesse discurso. No espaço geocultural acreano, amazônico e marginal, que inventa o “outro geográfico, o outro cultural, o espaço das ausências que estão sempre em maior destaque do que as permanências geradas pelo fazer humano” (Silva, 2020, p. 36), faz parte desse processo de assujeitamento e permanência dos sujeitos no lugar deles: na vala. Um lugar que é recriado e narrado doravante as ausências, do inexistente, dos subalternos. Geografia do “nada”, do atraso.

Entre a invenção do “outro” e a geografia do “nada”, (re)existem. A margem ergue-se como um caos errante, um organismo plural, multifacetado. Surge como o “não lugar” de deslocamentos e descontinuidades. Ela traz as múltiplas vozes dos “não seres”, dos(as) ausentes, que fazem, criam, reconstroem outras linguagens, outras formas de dizer o compreendido e o incompreendido.

O tronco velho, o princípio do mundo, o passado que reflete autenticidade, surge como memória da terra sem mortandade, anterior ao êxodo, nessa terra de violência, imperfeita, onde os Apurinã foram escravos, mortos, desabrigados, aqui onde “branco acabou muito índio, mas índio matou muito branco” (Shiel, 2004, p. 350) também: “Engula o susto. Quando você vir uma nuvem de flechas em cima da sua cabeça. Engula o susto” (O Novíssimo [...], 2019).

10 Artur Brasil Apurinã (Mūpuraru).

11 Camilo M. Apurinã (Matoma), *Mayoueua Kosanatu*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para retomarmos todas as análises, apontamentos e tudo que foi dito, saliento que este estudo se destaca com uma característica aberta, ou seja, nos convida a assimilar os pontos apresentados e ir além, ou seja, por meio das discussões teóricas e das obras que abrem e clareiam as fissuras dos processos colonizantes das florestas e do “outro”, a transver a realidade delirante e se posicionar, de forma propositiva, no modo de ampliar o debate, o diálogo, multiplicar as vozes.

Quando analisamos como se dá o processo de purificação das florestas, das subjetividades e do “outro” que vive nas trevas, na mata infernal e como a religiosidade se torna um mecanismo, um braço colonizante, notamos que o indivíduo que se encontra nessa posição de purificador também faz parte da grande engrenagem colonizante, que o convence que é preciso matar ou morrer para que o inferno verde seja purificado do mal, e ele, “braço forte e mão amiga” da ordem purificadora, ganha os espólios de guerra, como conquistador ou mártir da grande extinção do “outro que não é”. Condição essa que presenciamos todos os dias nos últimos anos.

Com isso, a purificação da floresta em pasto para o boi, ou seja, o grande beneficiado, para quem e para que se dá esse processo colonizante nas florestas e no “outro”, é para ele: “o Gado”. O tratamento com as subjetividades para o terrível fim, com castanheiras secas como lápides num grande cemitério de “gentes”, do “outro”.

Por fim, o que as obras destacadas neste estudo nos apresentam é a constante retomada desse processo purificador, que não perde nunca a metodologia de amarrar, botar pra correr, com braço forte para varrer as bestas-feras das matas e mão amiga para ensinar o caminho do abismo eterno. A fenda abissal que representa essa Amazônia construída em delírios e feita para se calar como lugar inóspito, como um cemitério fundido a bala.

REFERÊNCIAS

A VIDA sem vida, sem morte, sem nada. Rio Branco: Universidade Federal do Acre, 2018. 1 vídeo (41 min). Publicado pelo canal: CEPRODOC UFAC. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Uc1chDv3ung&t=1968s>. Acesso em: 4 set. 2023.

AGORA o estado é parceiro do produtor. Acabou a era da florestania, diz secretário de Agronegócio. **O Alto Acre**, [Rio Branco], 22 mar. 2019. Disponível em: <https://oaltoacre.com/agora-o-estado-e-parceiro-do-produtor-acabou-a-era-da-florestania-diz-secretario-de-agronegocio/>. Acesso em: 4 set. 2023.

ASSIS, Machado de. **Páginas recolhidas/ Relíquias de casa velha**. Edição preparada por Marta de Senna. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.

CARVALHO, Marcio Rodrigo Coêlho de. **Entre o Uwa'kürü e o Acre**: fragmentos da formação territorial e urbana entre vazios e inexistências. 2020. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

CORRERIA. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (8min). Publicado pelo canal Silvio Francisco Lima Margarido. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NB_V4iRmrv0. Acesso em: 4 set. 2023.

- LINK, Rogério Sávio. Vivendo na terra do meio: o mito Apurinã revelando a realidade histórica. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 46, p. 249-267, jan./abr. 2021.
- MESSINA, Marcello. Atraso. In: ALBUQUERQUE, G.; PACHECO, A. S. **Uwa'kürü: Dicionário Analítico**. Rio Branco: Editora Nepan, 2016.
- O NOVÍSSIMO Edgar no ATL2019. [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo (7min). Publicado pelo canal MatildaMy. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5rG9wU3wEVY&t=238s>. Acesso em: 06 set. 2023.
- PIZARRO, Ana. **Amazônia: as vozes do rio – imaginário e modernização**. Tradução de Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: EdUFMG, 2012.
- SCHIEL, Juliana. **Tronco Velho: histórias Apurinã**. 2004. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- SILVA, Francisco Bento da. **Acre, formas de olhar e de narrar: natureza e história nas ausências**. Rio Branco: Nepan, 2020.
- SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- VILLARINHO, Marina. **Nos caminhos da castanha entre os Apurinã**. 2020. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: <http://repositorio2.unb.br/handle/10482/38831>. Acesso em 4 set. 2023.
- ZOUEIN, Maurício Elías. **A ideia de civilização nas imagens da Amazônia 1865-1908**. Rio de Janeiro: Telha, 2022.

RECEBIDO EM: 22/05/2025 | ACEITO EM: 08/11/2025